

© Direitos autorais, 2014,
da organização,
de Luiz Carlos de Oliveira Cecílio
Graça Carapinheiro
Rosemarie Andrezza.

Direitos de publicação reservados por
Hucitec Editora Ltda.,
Rua Águas Virtuosas, 323
02532-000 São Paulo, SP.
Telefone (55 11 2373-6411)
www.huciteceditora.com.br
lerereleer@huciteceditora.com.br

Depósito Legal efetuado.

Coordenação editorial
MARIANA NADA
Assessoria editorial
MARIANGELA GIANNELLA

Circulação
comercial@huciteceditora.com.br / jmrLivros@gmail.com
Tel.: (11)3892-7772 – Fax: (11)3892-7776

Capa: Valéria Marchesoni

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M254

Os mapas do cidadão: o agir leigo na saúde / organização Luiz Carlos de Oliveira Cecílio, Graça Carapinheiro, Rosemarie Andrezza. – 1. ed. – São Paulo : Hucitec : Fapesp, 2014.
198 p. ; 21 cm.
(Saúde em debate ; 250)

Inclui índice
ISBN 978-85-8404-019-3

1. Saúde pública – Brasil. 2. Política de Saúde – Brasil. 3. Saúde – Brasil. I. Cecílio, Luiz Carlos de Oliveira. II. Carapinheiro, Graça. III. Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. V. Série.
14-16801

CDD: 362.10981
CDU: 614.2 (81)

Há um grande mal em querer os nossos estudiosos de hoje menosprezar as observações dos leigos; muitas vezes é preciso estar livre de construções lógicas, erigidas *a priori*, para se chegar à verdade, e não há como levar em linha de conta aquelas.

— LIMA BARRETO, *Diário do Hospício*

empresa de telefonia, decorrente do levantamento de uma caixa que, segundo ele, pesava cento e cinquenta quilos, e que teria “*estourado sua coluna, estourado duas vértebras*”. Esse episódio resultou em uma aposentadoria em 2003, com o desligamento do plano de saúde dois anos depois, em 2005, quando passou a depender do Sistema Único de Saúde. Ele apresenta uma grave lesão na mão (fibromialgia), embora não fique claro se essa lesão está (e como) diretamente relacionada ao acidente que resultou na lesão da coluna. É uma pessoa que convive com dores de modo contínuo, “*vinde e quatro horas por dia*” e com a perda progressiva da funcionalidade da mão. Os anti-inflamatórios recebidos na farmácia apresentaram-se como importante “recurso terapêutico” para enfrentamento da dor, dando-lhe algum alívio por uns dias quando faz uso deles. Um dos únicos “planos de futuro” que expressa é “*trocar a habilitação de motorista*”, conseguir uma habilitação que lhe permita dirigir um carro adaptado, tal o grau de perda de funcionalidade da mão. Embora afirme não ter dinheiro para comprar o carro novo a ser adaptado. É um homem sem trabalho e sem perspectiva de desenvolver alguma nova atividade adequada às suas limitações físicas. Como vimos, a esfera familiar parece contar pouco na produção do cuidado que ele precisa. O SUS lhe parece uma amarga experiência e ele não deixa de acalentar o sonho de um novo plano, ou de poder consultar um médico privado na esperança de encontrar alguma solução para o seu caso.

ORQUÍDEA

Orquídea, de trinta anos, é mãe de sete filhos, “*sendo que um é especial*”: o Luquinha, hoje com dezoito anos, que aos dois anos e seis meses teve meningite, e mudou para sempre a sua vida. Ela avisa logo no início da entrevista “*Essa é minha história, você quer saber?*”. Como uma verdadeira guerreira ela nos narra sua saga. Nascida em Santos, viveu uns tempos no Rio de Janeiro, e depois veio para São Paulo onde era vendedora de bala na

rua, a mãe pedindo esmola, vivendo literalmente debaixo da ponte. Há catorze anos mudou para o município A, em busca de melhores condições de vida para sua família. Viveu primeiramente no quintal da casa da sua mãe, que já residia na cidade. Hoje mora numa casa ocupada por ela e pelo atual companheiro e nos conta assim esta história:

Porque essa casa, aqui, era abandonada. Eu invadi ela, porque eu morava numa barraca, meus filhos só viviam doente, e eu tinha medo do Luquinha pegar bronquite, pneumonia no baraco, né? E os médicos aconselharam eu a construir, mas como eu não tinha condição de construir e essa casa tava abandonada, eu invadi ela.

A região onde mora é um dos territórios na periferia do município. Aqui podemos imaginá-lo a partir dessa descrição realizada pela entrevistadora do caminho percorrido para chegar à casa de Orquídea.

Depois do limite da cidade pegamos uma estrada de terra, quase nenhum movimento, mata dos dois lados e alguns homens desconfiados. Do tráfico, penso eu? Fui acompanhada por duas Agentes Comunitárias de Saúde (ACS) da Unidade, pois todas, inclusive a Orquídea, ainda no telefonema, diziam que esta era uma estrada perigosa. No caminho, as ACS vão contando suas animadas histórias de atuação naquela região, [...], mas também dizem, com certa satisfação de me amedrontar, dos perigos, das mortes daquele lugar. . . Criam ainda mais um suspense ao falar da desova dos corpos e da névoa que regularmente encobre este trecho do caminho. Chegamos, número 38 da Estrada do [...]. Nunca mais as margens do rodanel se- rão, para mim, apenas uma paisagem. Há vida ali, e como. A repressão também surge, parodoxalmente, linda. Aqui há, de forma esparsa, várias casas e casebres, todos pobres.

Mulher de vários relacionamentos amorosos, não fica claro na entrevistista quantos foram os pais dos seus sete filhos, no mínimo três. Atualmente é casada com um pedreiro e eletricitista, que trabalha "por conta", e por quem ela demonstra ter afeição e cuidado e com quem teve os dois últimos filhos. Para sobreviver já pediu esmola, vendeu bala na esquina e, antes de casar com o atual companheiro, fazia faxina. E nos diz que "mesmo o Luquinha sendo especial", ela alternava os dias de trabalho nas casas com as necessidades de cuidado e tratamentos do filho. Atualmente, não trabalha a pedido do companheiro e para cuidar dele. "O único dinheiro que entra na casa, mensal, é a aposentadoria do Luquinha, a bolsa família e o renda cidadão", e o dinheiro dos bicos que o companheiro consegue fazer. Ela também ajuda nas despesas de casa confeccionando e reformando roupas para as filhas, e para ela mesma, ofício que aprendeu no projeto "Meninos e Meninas de Rua", pelo qual demonstra imenso reconhecimento:

[...] *tenho muito a agradecer a eles, que é uma Instituição que tira as crianças da rua que vende bala, que pede esmola. Se não fosse através deles, eu até hoje, venderia bala na rua. E eu não sei o que seria do futuro das minhas filhas. Então, eu agradeço muito a eles, porque se o Luquinha hoje tem bastante benefício, não é por eu ter corrido atrás, mas sim por eles estarem explicando onde é que eu tinha que ir, o que eu tinha que fazer, o porque que eu tinha que tirar os meus filhos da rua, o porque que o Luquinha tinha que fazer tratamento.*

Foi, também, no município A, no mesmo período em que o Luquinha ia para a Escola, que ela terminou a quarta série do ensino fundamental. Podemos assim dizer, então, que ela é uma mulher nascida e criada na pobreza, vivendo nas quebradas da cidade rica e industrializada que escolheu para viver. É desse lugar da periferia, muito além da periferia, periferia espacial, periferia do acesso aos bens de consumo, que ela nos conta a extraordinária história de amor dela pelo filho.

MARGARIDA

Margarida mora próximo à Unidade Básica de Saúde em uma rua asfaltada, predominantemente residencial, com moradias de padrão popular. É uma região bastante acidetada, o que provavelmente representa algum obstáculo para Margarida viver sua vida, pois ela tem muitas dores e algumas limitações articulares, decorrentes de sua doença, que dificultam seu caminhar. Es-tava sozinha, aparentemente ansiosa com o encontro. Nossa conversa aconteceu no cômodo principal da casa, logo na entrada, que se pode caracterizar como uma sala/cozinha. Ao iniciar a conversa, disse-me que já tinha deixado todos os exames separados, caso quisesse vê-los. No começo senti que estava um pouco nervosa, mas logo foi se tranquilizando e contando sua história. Margarida nasceu no interior do Ceará, no dia 4 de janeiro de 1959. Viveu na zona rural com os pais e irmãos, casou-se e em 1979 teve seu primeiro filho. Quando o menino estava com seis meses, mudaram-se para o município B, para tentar uma vida melhor.

A vida lá é muito difícil, às vezes, a gente tem que trabalhar na roça, carregava água na cabeça [...] e lembo pra cozinhar no fogão de lenha. A vida lá é bem sofrida e aí depois a gente tentou ver se melhorava.

Depois de algum tempo vivendo no município A, conseguiu comprar sua casa no bairro onde vive até hoje. Tem quatro filhos e oito netos, e apenas o filho mais novo, que tem dezesseis anos e é solteiro, mora com ela. Outro filho, casado, mora em uma casa construída no mesmo terreno, nos fundos da sua. Durante alguns anos, Margarida dedicou-se ao cuidado de sua mãe que "não tinha muita saúde". Apesar de compartilhar a responsabilidade do cuidado com uma irmã, que também mora no município A, quando sua mãe teve um segundo AVC (Acidente Vascular Cerebral), que a deixou imobilizada na cama, até a

entre estes dois tipos de recursos, no que poderemos considerar como constituindo os eixos estruturantes da *analítica do "usuário fabricante"*, quando os usuários mobilizam o seu saber-experiência segundo vários modos de operação que permitem a produção de uma racionalidade propriamente leiga, que se constitui e opera no campo pesado da racionalidade médica-governamental. Mais uma vez, na impossibilidade de apresentar a totalidade do material produzido, vamos apenas ilustrar o caso de uma usuária que, a esse título, é paradigmático.

Vejam os caso de Orquídea na sua odisseia de procura dos cuidados para o seu filho:

O primeiro dos sete filhos de Orquídea, uma menina, nasceu quando ela tinha dezessete anos — “*fui mãe solteira*”. Depois se casou e teve o seu segundo filho que “*ficou especial*” após uma meningite, na mesma época teve sua outra filha. Nesse tempo ela morava em Santo André. Sobre este momento ela nos diz: “*Ele começou a ter febre, levei no serviço de saúde, aí ela mandaram embora para casa*”. Relata várias idas ao mesmo serviço de saúde, num curto período de tempo, com diagnósticos de estomatite e de infecção urinária e vários tratamentos.

Nesse meio tempo, nasceu sua terceira filha. Quando ela estava com quinze dias, o menino voltou a apresentar febre; havia um surto de meningite na cidade: “*Eu me lembro como se fosse o dia de hoje, a última vez que eu escutei a voz do meu filho, ele falou: Mamãe, minha beija tá doói muito, beija dodoi muito*”.

Levou-o então ao mesmo hospital, lá ele teve uma convulsão e entrou “*em estado de coma*”. Foi transferido para um hospital infantil municipal de São Paulo, onde ficou internado por seis meses, e também foi colocado uma derivação. Ainda, pelo hospital infantil municipal de São Paulo é encaminhado para o Serviço de Reabilitação Beneficente vinculado à instituição

federal de ensino superior, serviço de referência em reabilitação conveniado ao SUS da cidade de São Paulo. Lugar onde é até hoje acompanhado pela médica fisiatra. Para Orquídea,

Ela é a única médica que pode estar passando se ele vai usar cadeira de rodas, se ele tem condições de estudar, se ele vai ter condições de se alimentar. Ela é aquela médica, como se diz, a médica da família. Mas no caso, é a médica do paciente especial.

É lá, no Serviço de Reabilitação Beneficente vinculado à instituição federal de ensino superior, que Orquídea vai pouco a pouco compreendendo a gravidade do quadro da doença do filho,

Porque até então, eu achava assim: A criança ficou especial? Vamos fazer a fisioterapia que vai voltar a andar. Eu pensava desse jeito, mas não, é um processo muito longo, você tem que fazer muita coisa, você tem correr atrás de muita... e é muito difícil, é muito difícil mesma.

Ao mesmo tempo ela vai entendendo melhor as inúmeras necessidades de cuidado dele. No início, todo o complexo cuidado do Luquinha foi realizado no Serviço de Reabilitação Beneficente vinculado à instituição federal de ensino superior, ou seja, a fisioterapia, a fisioterapia, o grupo da coluna, o neurologista, a assistência social e a fonoaudiologia. Tanto os exames como os medicamentos eram feitos e/ou dispensados por lá. Com o tempo, e a partir da mudança para o município A, este cuidado vai ocorrer de forma mais fragmentada, em diferentes locais, diante das distintas necessidades do Luquinha. É assim que Orquídea explica, completamente ciente dos lugares, das funções e do papel de cada um dos serviços de saúde acessados por ele o seu tratamento, para a constituição do seu mapa de cuidado:

Primeiro você precisa pedir a fisiatra que é a médica que acompanha desde quando teve o primeiro problema. Ela é a única

médica que pode dizer qual tipo de cadeira que ele usa, qual tipo de posição que ele tem que ficar. Depois, passa pra fisioterapia, pra fisioterapia olhar o pedido da médica, pra ver se aprova. Faz de novo, um novo relatório com pedido de urgência. Depois, passa no outro médico que ele tem, que é um neurologista. Passado pelo neuro, ele tem que passar, de novo, com o grupo de coluna. Então quer dizer, é um processo demorado.

○ Serviço de Reabilitação Beneficente vinculado à instituição federal de ensino superior continua sendo o espaço da fisiatra e do grupo da coluna, aonde vai a cada seis meses. O neurologista hoje é o do Serviço de Especialidades 2. É ali, também, que Orquídea consegue as receitas, as guias, para retirar no Hospital Geral Estadual Regional 2 os medicamentos de alto custo. A cada três meses são realizados os exames de sangue, diretamente nos laboratórios conveniados ao SUS da cidade, para acompanhar a prescrição dos medicamentos. É ela que novamente vai nos explicar por que não faz os exames no “posto”.

Não, tinha que ser no Posto, mas como as meninas não têm condições de ficar vindo aqui na minha casa pra tirar coleta de sangue e essas coisas, eu tenho bastante conhecimento na área, agora, do transporte da ambulância. Eu converso com a assistente social, eu marvo qualquer dia da semana, aí eles vêm no período da manhã e eu vou direto no laboratório. [...] Ai eu já faço o exame de sangue dele lá, pego no mesmo dia. Que eu faço tudo com pedido de urgência, né, pra depois pegar e levar pro Hospital Geral Estadual Regional 2.

A fisioterapia neste momento é realizada numa clínica particular vinculada a uma Universidade Particular. Este serviço foi conseguido por ela por intermédio do neurologista, que também acompanha o menino. Ela paga por este serviço.

Claramente, as necessidades de cuidado do Luquinha não se restringem à assistência médica, incluem toda uma equipe

multiprofissional: fisioterapia, fonoaudiologia, terapia ocupacional, entre outras. Orquídea, hoje, é capaz de explicar a atuação de cada um desses profissionais. Ela foi aprendendo sobre a doença do filho, suas necessidades de cuidado, as políticas públicas disponíveis, os recursos necessários para a sua utilização, as formas para sua obtenção, incluindo a via jurídica. Seu aprender não ocorre só na busca pelo direito à saúde, mas principalmente pelo direito à educação e, consequentemente, pelo transporte. Este último representa um dos maiores desafios colocado para ela, na medida em que decide que seu filho terá tudo que outros também têm, ou tiveram:

Eu coloquei [o Luquinha] na escola com sete anos de idade, que nem meus outros filhos. [...] Porque eu falei assim: mesmo que ele não fala, que ele não ouve, mas ele enxerga muito bem. Ele vai ver, tem que ver os irmãos saindo pra escola. Eu fazia isso, tratava ele, como trata, como todos os irmãos. Só que tem umas necessidades especiais dele. Mas os irmãos tem que ver que ele é um normal que nem ele, entendem? Tem que ajudar? Tem. O Luquinha tem que usar fralda, as irmãs ajudam a dar banho, dar comida. Se a gente for sair, leva ele. Eu não gosto de isolar ele, porque se ele já não anda, não fala, tudo depende da gente. Por que eu vou esconder ele? Se ele faz cocô e tá fedendo, todo mundo faz e vai feder do mesmo jeito! Se pega piolho, todo mundo pega, tem cabelo! Então, eu sempre tive isso comigo.

Ao assumir este compromisso, o acesso ao transporte público adaptado às necessidades do filho especial ganha centralidade na luta diária para a produção de vida do Luquinha. Ao contar esta sua trajetória de descoberta de recursos e de busca dos seus direitos vai nos dizer:

Então, tudo que eu consegui pro Luquinha, foi através de muita força. Aqui, no município A, eu não tenho do que reclamar de benefício nenhum. Apesar que já botei processo em muitos, já

meti processo em muitos deles pra conseguir os benefícios, mas uma coisa não se refere à outra. Porque assim, se ele precisa de uma cadeira de rodas, evidentemente, eu tenho que ir na assistente social, fazer um relatório, pedir pro médico. [...] Por isso que eu não escondo nada. Se os outros chegar em mim: Ah, Orquídea, você não tem medo de você. . . Eu não tenho medo. Eu vou processar a Prefeitura e depois ela vai cancelar as cadeiras de rodas? Não, ela não pode cancelar, é um direito do meu filho. Que nem muita gente fala assim pra mim: "Você é louca, você não tem pau na língua". Eu nasci foi com a língua solta, se eu não fizesse isso, hoje em dia, o meu filho estaria morto, com toda sinceridade. Porque todo mundo olha pra mim e fala, os médicos dele, principalmente falam. O neurologista: "Mãe, seu filho era pra estar vegetando em cima de uma cama". O cérebro do meu filho é menor que um carcoço de azeitona. Ele não era pra estar comendo, se mexendo, não tá nada, só naquela base de sonda. Só que ele, você tá vendo?

Orquídea, como a gestora do cuidado do seu filho, também acessou a nutricionista do Sepa 2, pois achou num dado momento que ele estava muito "magrinho", e precisava de orientação. Sobre a UBS nos conta que a utiliza para o cuidado de toda a família. Ela reconhece o papel da médica de família, e a chama pelo nome, mas nos conta que no caso do Luquinha:

Ela [a médica de família] não tem necessidade dela ficar vindo todo mês. Porque de repente o Luquinha dá uma febre, eu não vou ligar pro Posto: "Ah, meu filho, vem aqui!" Eu não, "fia", eu meto ele dentro do ônibus, e eu "vou que vou"! Em qualquer hospital, minha filha! O primeiro hospital que tiver na minha frente, eu levo. Porque dá uma febre, é alguma infecção, e como ele não fala, tem que levar. Então, por isso que a Dr.^a Z [médica de família] mesmo fala pra mim: "Orquídea, você é a única mãe que eu vejo que não nem tanta necessidade". Porque ela chega aqui, ela vê: Tá bem, não, tá com afta, tá se alimentando.

Ela nos relata, ainda, que o Luquinha fez uma cirurgia de coluna no Hospital Universitário vinculado à instituição federal de ensino superior, a partir do encaminhamento do grupo de coluna do Serviço de Reabilitação Beneficente vinculado à mesma instituição de ensino, e de lá, para o seu restabelecimento ficou internando por três semanas no Hospital Geral Estadual Regional 1. Ainda, na linha de cuidado construída por ela, Orquídea nos revela que,

[...] como a minha mãe é do Norte, eu faço muito remédio caseiro. Muito, muito, muito. É só xarope caseiro que eu dou pra ele. Eu tenho um pé aqui de guapo, pé de poejo, hortela, penicilina, novalgina. Tenho tudo no quintal, [...]. Porque eu não gosto de dar antibiótico pra ele.

É um desafio produzir uma análise da narrativa de vida de Orquídea, pois não são raros os momentos dessa história que funcionam quase que como um espelho das categorias empíricas encontradas na primeira fase da pesquisa. Do *usuário fabricante*, à *disjunção do tempo* e, particularmente, ao *regime de regulação leiga*, tudo é possível de se vislumbrar nessa narrativa.

A história de vida e os caminhos que Orquídea vai construindo, o modo como ela vai se inventando como cidadã, como cuidadora, produzindo os intermináveis, complexos e custosos cuidados que o Luquinha demanda, dá a tônica da narrativa, deixando todos os outros atores em papéis secundários, coadjuvantes do seu grande drama, sejam eles os profissionais de saúde, sejam os serviços especializados, sejam os gestores. Ela poderia ser eleita como a personificação completa do usuário fabricante, tão completa que faz pender a disjunção tempo usuário/tempo trabalhador/tempo do gestor para o lado dela, para o tempo das necessidades do filho. *"Hoje não tem névoa. O tempo para o meu filho é diferente. O tempo dele é da urgência, não dá para esperar"*, como anotou a pesquisadora ao final da entrevista. Ou como Orquídea nos explica:

Então, tudo meu é pedido de urgencial. Precisa, não precisa? Então faz pedido de urgência. Quando eu chego no serviço social e eles fala: "Mãe, tem que entrar na lista de espera". Eu falo: Eu não vou entrar na lista de espera! [...] Primeiro a assistente social vem na sua casa fazer uma visita, depois que ela faz uma visita, ela manda você aguardar pra ver se tem verba. Depois que chega a verba, você tem que fazer mais três pedidos de outros lugar pra saber aonde é mais barato. Então, isso é uma coisa demorada. Eu não posso ficar esperando três anos pra uma cadeira de rodal! O que é que eu faço? Vou primeiro na prefeitura: "Tem verba?" "Tem. Ah, mais tem muita gente na lista de espera." "Não quero saber, meu filho precisa pra hoje. A cadeira dele é pequena." Vou lá no médico: "Olha, meu filho tá precisando assim, assim. Tem como o senhor fazer um pedido de urgência?" "Tem." "Faz o pedido de urgência do médico."

É assim que Orquídea revelou para nós uma produção do cuidado por invasões. Seja pela ocupação da casa abandonada motivada pelo desejo de melhorar a saúde de seus filhos, pela maneira como conseguia as órteses (as inúmeras cadeiras de rodas, coletes e outros artefatos) ou como garantiu a educação e o transporte para o filho. O tempo das necessidades do filho é que comanda suas ações e que ela faz impor, dentro e mesmo além de seus recursos, sobrepondo esse tempo aos outros tempos, dobrando-os à lógica do cuidado que ela tem de produzir, que ela quer produzir, que ela não pode deixar de produzir para o filho.

Pensando bem, Orquídea nos convida a fazer um giro epistemológico e prático no nosso modo de pensar "a gestão em saúde": ela desloca nosso olhar para outro lugar, para outra lógica, para outra "racionalidade" do "sistema de saúde", acessar e garantir o que o filho precisa, descobrindo contatos, fazendo conexões e fluxos, flexibilizando regras, produzindo e divulgando o conhecimento, criando "jurisprudência", criando oportunidades e possibilidades.

Ela é o nosso usuário-fabricador "tipo-ideal". Esta talvez seja uma das principais questões que emergem da história de vida de Orquídea, pois ela, ao se deparar com uma situação de gravidade, ímpar em sua vida, vai transformá-la por completo, de maneira contínua e para sempre. As suas relações com o mundo exterior, com a sociedade, com os poderes instituídos, com base no conhecimento que vai adquirindo das políticas públicas disponíveis e dos profissionais de saúde que as concretizam, e a apropriação que faz e refaz desses recursos, transformando, por dentro, o próprio sistema, faz virar o que era barreira em possibilidade para os infundáveis e complexos processos de "luta" pelo cuidado e pela vida do Luquinha. E é ela que vai expressar este querer e esta ética: "Se tiver uma brecha, eu entro ali, e eu deixo aquela brecha bem larga, pra todo mundo vim atrás comigo."

Orquídea vai, assim, tecendo a sua rede-teia a partir da sua liberdade desjeante, utilizando todos os recursos e relações materiais à sua disposição: os sistemas de saúde, de proteção social e de educação, bem como os sistemas jurídico e familiar, que são institucionalizados, estáveis, com códigos específicos para sua produção e reprodução.

Ou seja, na sua experimentação não se deixa modelar segundo os códigos em vigor, ela vai introduzindo irregularidades, brechas, como ela mesma diz, nos próprios instituídos. As suas características sociais de identidade não a limitam, nem ditam o seu agir *a priori*, pois ela se fez e se faz no próprio processo de tentativas, erros e acertos, a partir fundamentalmente dos seus recursos cognitivos (sempre em construção) e dos recursos relacionais, que incluem agora os seus "aliados" profissionais.

Além do mais, pois ela compartilha o seu conhecimento e não se furta de ensinar o que aprendeu nesse caminho, e diz:

*Se os outros chegar ni mim: "Ah, Orquídea, pode me ajudar?"
"Oh, eu te ajudo. O endereço é esse, esse, esse. Vai lá, não deu certo? Volta aqui que eu te dou outro endereço. Vai lá. Não posso ir com você porque eu não posso deixar o Luquinha."*